

GOING WEST: NAS FRONTEIRAS ENTRE A AMÉRICA REAL E A AMÉRICA IMAGINADA

A. JOÃO SEABRA DO AMARAL*
ISCET

RESUMO

Desde a chegada de Colombo ao Novo Mundo, a imaginação humana construiu infindáveis possibilidades de realização na extensa paisagem americana. Desde o mito puritano da Terra Prometida, que levaria à conquista do Oeste, o mito do sonho americano de sucesso e prosperidade até à fé sólida no mundo capitalista que erigiu, muitas foram as barreiras vencidas e fronteiras conquistadas por gente em demanda do seu quinhão. Porém, a configuração mitificada do país nem sempre corresponde ao real vivido e experienciado pelas suas gentes: nos limiares dos seus espaços outras realidades irrompem, onde êxito e fracasso se digladiam e esvaíam a promessa inicial.

A partir de algumas obras de escritores americanos, este artigo pretende abordar esta temática, exemplificando as contradições entre os desígnios que se planeiam e as realidades que os destroem.

PALAVRAS-CHAVE

América; Oeste; fronteiras; expectativas; realidade.

ABSTRACT

Since the arrival of Columbus to the New World, the human imagination has built endless possibilities of accomplishment in the extensive American landscape. From the Puritan myth of the Promised Land, which would lead to the westward movement, the myth of the American dream of success and prosperity, to the solid faith in the capitalist world, many barriers were overthrown and frontiers conquered by people in demand of their share. However, the mythical configuration of the country does not always picture the real, experienced one: in the thresholds of its spaces, other realities erupt where success and failure undermine and empty the initial promise. Based on some works of American authors, this article intends to approach this theme, exemplifying the contradictions between planned projects and complex realities that eventually destroy them.

KEYWORDS

America; West; frontiers; expectations; reality.

*A gallant
knight
In sunshine
and in
shadow,
Had journeyed
Long,
Singing a song,
In search of
Eldorado.
(...)
“Where can it
be –
This land of
Eldorado?”*

“Eldorado”, Edgar Allan Poe
The Complete Poems, p. 110.

*This is the Place they hoped before
Where I am hoping now*

“P 1264”, Emily Dickinson
Emily Dickinson’s Poems, p. 710.

A ideia de América, formatada pelo imaginário europeu que a inventou e posteriormente conquistou, tem sido, ao longo dos tempos, território para projecções míticas e utópicas, sonhos ambiciosos e experiências contraditórias. O imaginado construído sobre as promessas originárias da América e a realidade, vivido posteriormente no terreno, realça dissonâncias gritantes que comprometem a vitalidade do Destino Manifesto, a esperança da Terra Prometida e o ímpeto de *self-reliance* que Emerson (1982 [1841]: 175-204) tanto exaltou. Acresce que, desde o limiar conhecido até ao limite conquistado, tanto a oferta de amplo espaço como o conceito profético de *city upon hill*¹, e também a esperança de edificação de uma Nova Jerusalém, contribuíram para a promessa do lugar que constan-

* jamaral@iscet.pt.

temente se reclama, o da Terra Prometida, e para “a América como processo de realização, a América como caminho, viagem ou ponte – numa palavra, a América como sentido” (Santos, 1987: 163).

O Oeste – *the open road* como lhe chama Whitman (1998 [1885]: 120), *the territory ahead of the rest* no dizer de Mark Twain (1994 [1884]: 220), ou *the road to heaven* segundo Kerouac (1999 [1957]: 171) – foi o sentido por excelência de um tempo histórico pleno de potencialidades pela vontade de vencer e pela esperança em alcançar, sentidas pelo povo americano. Primeiro, cioso de liberdade e afirmação, configurado na viagem dos primeiros puritanos rumo ao Novo Mundo e no espírito de missão de que eles vinham imbuídos; depois, esbatendo barreiras de confronto e ocupação do novo espaço, de expansão e conquista, de aventura e de domínio da *wilderness*, de construção da trave mestra em que assenta a nação americana legitimada pela procura incessante do paraíso – o alargamento da fronteira. E esta, sempre fluida, transformou-se numa peregrinação permanente, numa vontade de superação e afirmação de novas competências, numa procura de identidade, num constante recomeço e também na promessa da nação. Recorde-se a este propósito o quadro de Emanuel Leutze, *Westward the Course of Empire Takes Its Way*, de 1861 – destinado ao edifício do Capitólio, em Washington D.C. –, que tão bem expressa a crença no Destino Manifesto e da promessa do lugar a Oeste (Groseclose, 1975: 96). No mesmo sentido vai a frase de John B. L. Soule “Go West, young man!”, popularizada por Horace Greeley, editor do jornal *New York Tribune*, que a publicou na edição de 13 de Julho de 1865 (Williams, 2006: 41)², e que traduz na perfeição o espírito pioneiro americano, a utopia colonizadora do Oeste e a visão expansionista do século XIX, que Walt Whitman canta em “*Pioneers! O Pioneers!*” (1998 [1855]: 184):

*All the pulses of the world,
Falling in they beat for us, with the Western movement beat.
Holding single or together, steady moving to the front, all for us,
Pioneers! O Pioneers!*

A visão de Thomas Jefferson concretizada na expedição de Lewis e Clark, a delimitação da fronteira a norte

pelo paralelo 49, a rápida expansão territorial que se seguiu através da anexação e aquisição de território e, ainda, a corrida ao ouro da Califórnia, em 1849, convergiam imparáveis na conquista do desconhecido e reforçavam a movimentação de massas pela demanda do Oeste, rumo ao Pacífico, na esperança de romper barreiras, vencer montanhas inóspitas e alcançar o seu lote de terra prometida, cada um qual Ulisses no seu esforço sobre-humano de vencer – “*to strive, to seek, to find and not to yield*” (Tennyson, 2007 [1842]: 50). Frederick Jackson Turner (2014 [1893]: 7) chega mesmo a conferir à conquista do Oeste a razão do desenvolvimento da América: “*The existence of an area of free land, its continuous recession, and the advance of American settlement westward, explain American development*”. De seguida, aponta a necessidade daí resultante para a gestão de novas competências com vista ao funcionamento harmonioso das instituições no novo país em formação:

The peculiarity of American institutions is, the fact that they have been compelled to adapt themselves to the changes of an expanding people – to the changes involved in crossing a continent, in winning a wilderness, and in developing at each area of this progress out of the primitive economic and political conditions of the frontier into the complexity of city life (Turner, 2014 [1893]: 8).

Do mesmo modo, afirma que a vida de fronteira determinou que as barreiras dos vários conhecimentos se esbatessem, que outras práticas e vivências se instalassem, que outra realidade emergisse, ao mesmo tempo que se geravam novas reflexões e se configuravam novas formas de ser e agir que viriam a moldar os povos colonizadores:

The result is that to the frontier the American intellect owes its striking characteristics. That coarseness and strength combined with acuteness and inquisitiveness; that practical, inventive turn of mind, quick to find expedients; that masterful grasp of material things, lacking in the artistic but powerful to effect great ends; that restless, nervous energy; that dominant individualism, working for good and for evil, and withal that buoyancy and exuberance which comes with freedom – these are traits of

the frontier, or traits called out elsewhere because of the existence of the frontier (Idem: 74-75).

Mas no Oeste fecha-se a fronteira, tal como previra Turner, e a visão primeira de uma América pastoril – “*a fresh, green breast of the new world*”, como aponta Scott Fitzgerald (2004 [1925]: 180) – transfere-se agora para um destino urbano, que se afirma por oposição ao espaço selvagem e ao espírito de fronteira vividos pelos colonizadores (Lehan, 1998: 167). Porém, a realidade das transformações aceleradas daí decorrentes e a perda gradual da ligação à natureza desmentem promessas recebidas, abalam esperanças construídas e potenciam a desagregação comunitária e a descrença num paradigma de progresso.

Na verdade, abundantes são as obras que contrariam a visão entusiasta, confiante e fraterna de Walt Whitman (1998 [1885]: 129, 112, 95-111) em “*Crossing Brooklyn Ferry*”, “*Salut au Monde*” ou “*Calamus Poems*”, nas quais se configura uma América outra, onde se evidenciam a ausência e a negação de mitos fundadores através de dramas citadinos peçados de solidão, estranhamento e opacidade; mas também onde o espaço urbano gera e sustenta uma complexa tessitura de desenraizamento e artificialidade, materialismo e mistério, sedução e fracasso, vislumbrando-se um horizonte de promessa na recorrente ilusão do sonho americano, cuja demanda tantas vezes se converte em armadilha, fechamento e recusa, enfim, onde a América real contradiz a América imaginada.

Como exemplo avulso, refira-se *Cosmopolis*, de Don DeLillo (2004 [2003])³, onde o jovem bilionário do mercado financeiro Eric Packer – “*rich, famous, brainy, powerful and feared*” (Idem: 121) – vive, no decorrer de um dia, à semelhança do Ulisses joyceano, uma odisseia de situações inesperadas em que testemunhará o desaparecimento da sua fortuna provocado pelo sistema financeiro, pelo domínio dos mercados bolsistas e pelo carácter ilusório da cultura capitalista. Acresce, ainda, que tal odisseia transformar-se-á numa viagem para a morte.

Concentrado apenas em si e no lucro dos seus negócios, “*he was self-made*” (Idem: 72), envolto num automatismo diário que lhe provoca repetido enfado, Eric Packer sente o vazio e a solidão após mais uma noite de insónia:

“*Nothing existed around him. There was only the noise in his head, the mind in time*” (Idem: 6). Cedo pela manhã deambula pelo espaço do seu triplex de 48 divisões, “*the tallest residential tower in the world*” (Idem: 8), com passo nervoso e vacilante, e observa o movimento bolsista, que lhe traz uma improvável surpresa:

He walked through the apartment, forty-eight rooms. He did this when he felt hesitant and depressed, striding past the lap pool, the card parlor, the gymnasium, past the shark tank and screening room. He stopped at the borzoi pen and talked to his dogs. Then he went to the annex, where there were currencies to track and research reports to examine. The yen rose overnight against expectations (Idem: 7).

Rodeado de excêntrico exagero consumista e tecnológico, que afinal não evitam o seu ar deprimido e inquieto, que iria ele fazer? “*He didn't know what he wanted. Then he knew. He wanted to get a haircut*” (Idem: 8)⁴. E o desejo fortuito de um mero corte de cabelo leva-o à decisão de atravessar a cidade rumo a West-Side Manhattan, ao barbeiro da sua infância, pois precisa de sentir a sua identidade no meio globalizado em que se move. Apesar do trânsito caótico da cidade (há visita presidencial, protesto antiglobalização, funeral de artista rap), insiste no seu propósito, que alterará completamente o seu futuro. Dirige-se à fila de limusines brancas estacionadas na rua – “*There were ten cars, five in a curbside row in front the tower, on First Avenue, and five lined up on the cross street, facing west*” (Idem: 9), cujos motoristas aguardam as ordens dos seus donos, todos pertencentes à alta finança:

[T]hey waited for the investment banker, the land developer, the venture capitalist, for the software entrepreneur, the global overlord, of the satellite and cable, the discount broker, the beaked media chef, for the exiled head of state of some smashed landscape of famine and war (Idem: 10).

Packer instala-se na sua longa e luxuosa limusine – “*not only oversized but aggressively and contemptuously so, metastasizingly so, a tremendous mutant thing that stood astride every argument against it*” (Idem: 10) – com motorista, segurança e equipamento informático, este,

aliás, o verdadeiro universo em que vive, confia e com que controla os seus negócios.

As horas passam-se, o caos rodoviário mantém-se, a moeda japonesa continua a subir, mas o rumo cumpre-se: “*The car moved incrementally westward*” (*Idem*: 43). E por entre os encontros de variado cariz, pessoais e profissionais, que se sucedem na limusine, Packer acompanha a devastadora crise financeira da bolsa e o esvair de todas as suas certezas: entra em bancarrota pelos investimentos errados que fez, colapsa a sua vida pessoal pelas traições à sua mulher e, por fim, encontra a morte, causada por Benno Levin, um antigo funcionário que ele despedira:

“You need to die no matter what”.

“I could tell you my situation has changed in the course of the day”.

“I have my syndromes, you have your complex. Icarus falling. You did it to yourself. Meltdown in the sun. (...) You have to die for how you think and act. For your apartment and what you paid for it. (...) For how much you had and how much you lost, equally. No less for losing it than making it. For the limousine that displaces the air that people need to breath in Bangladesh. This alone” (*Idem*: 231).

Eric Packer, que personifica o capitalismo, acaba por desconstruir o sonho tão americano de empreendedorismo, ascensão social e enriquecimento e, ainda, por revelar a América real: entre as fronteiras do desejo e da sua realização, surgem variantes que fazem ruir os planos ou impedem que se concretizem, por mais seguros que pareçam; e até o valor tão americano atribuído ao automóvel como símbolo de velocidade, liberdade e autonomia se manifesta impotente e ilusório.

Refira-se, também, a falência do sonho americano em *The Great Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald (2004 [1925])⁵: o vislumbre da luz verde à distância, que se funde com a visão dos primeiros exploradores e que Gatsby quer a todo o custo alcançar, revela-se definitivamente inatingível pelos limites do tempo, pela impossível recuperação do passado. Gatsby quer sobreviver ao sonho ancorado na esperança do passado de conquistar Daisy. Para a impressionar, e depois de conseguir grande e misteriosa riqueza que supostamente lhe daria acesso à classe alta ameri-

cana a que Daisy pertencia, tenta criar um universo sedutor com adereços que só a riqueza permite, num gasto descontrolado de dinheiro: a mansão onde mora, “*a factual imitation of some Hôtel de Ville in Normandy (...), and a marble swimming pool, and more than forty acres of lawn and garden*” (*Idem*: 5), a exuberância das festas que dá, “*men and girls came and went like moths among the whisperings and the champagne and the stars*” (*Idem*: 39), a opulência do *Rolls-Royce* em que se desloca:

It was a rich cream color, bright with nickel, swollen here and there in its monstrous length with triumphant hat-boxes and supper-boxes, and terraced with a labyrinth of wind-shields that mirrored a dozen suns (*Idem*: 64).

A história de sucesso e prosperidade que Gatsby exhibe esbarra, porém, na crueza da realidade: ele não é mais do que um exemplo de “*newly rich people*” (*Idem*: 107), o oposto de “*old Money*” a que Daisy pertencia. Apesar dos desafios que enfrentou, da luta interior que entreteceu e da esperança persistente que manteve, foi-lhe impossível recuperar o passado e ultrapassar as fronteiras sociais existentes – e assim emergiu a falência do seu desígnio:

(...) I thought of Gatsby wonder when he first picked out the green light at the end of Daisy’s dock. He had come a long way to this blue lawn, and his dream must have seemed so close that he could hardly fail to grasp it. He did not know that it was already behind him, somewhere back in that vast obscurity beyond the city, where the dark fields of the republic rolled on under the night (*Idem*: 180).

Na verdade, ancorado nos limiares da esperança, Gatsby vivia as potencialidades do seu propósito, a nostalgia do passado, sem contar com a passagem do tempo e a impermanência da realidade: afinal, o dilúculo ambicionado e expectável nunca viria a surgir no horizonte – e a aurora fez-se crepúsculo na piscina da sua mansão, onde encontraram o seu cadáver sobre um colchão flutuante:

With little ripples that were hardly the shadows of waves, the laden mattress moved irregularly down the pool. A small gust of wind that scarcely corrugated the surface was enough

*to disturb its accidental course with its accidental burden.
The touch of a cluster of flaves revolved it slowly, tracing, like
the leg of transit, a thin red circle in the water» (Idem: 162).*

Valerá a pena visitar, ainda, um instante da obra *The Unvanquished*, de William Faulkner (1991 [1938]), ocorrido no sul escravagista, derrotado na Guerra Civil Americana e agora em ruínas, no fictício condado de Yoknapatawpha. Na secção “*Raid*”, assiste-se ao poder avassalador da esperança na liberdade sentida pelos negros, ânsia de fuga à submissão e ao tormento e entrega total à fé, ao sacrifício e ao desconhecido, rumo a uma vida livre e segura na sua Terra Prometida. Assim, seguindo a pé num trilho de pó que os envolve, seguem as tropas da União e iniciam uma impressionante caminhada rumo ao rio Tennessee, que assumiram ser o rio Jordão, como Loosh afirmara anteriormente: “*Hit’s Jordan we coming to (...)* *Jesus gonter see me that far*” (Idem: 85). Sentem-se agora Judeus do Antigo Testamento, conduzidos por Moisés na figura do General Sherman:

*“Going to Jordan, they told me. Going to cross Jordan.
That’s was what Loosh said”, Granny said. “The General
Sherman was leading them all to Jordan” (Idem: 91).*

Mal avistam a água, movidos pela fé inabalável no seu desígnio de liberdade, tentam imprudentemente atravessar o rio sem tão pouco questionarem que tal atitude poderia levá-los à morte. Com efeito, ao contrário do sucedido na fuga dos Hebreus para Canaã, a água não se abriu para eles passarem – e os seus planos, acalentados pela esperança de liberdade, esvaem-se ali mesmo perante a realidade já que, inúteis para os fugitivos agora mortos, são-no também para os sobreviventes, capturados e reconduzidos ao anterior lugar de escravatura e sofrimento.

Tomemos agora em mãos, para uma reflexão mais aprofundada, a obra *The Crying of Lot 49*, de Thomas Pynchon (1996 [1965]), onde o escritor explora, de forma peculiar, a fronteira contraditória entre o sonho que a América constitui e a realidade com que a mesma o envolve. Situando a acção na Califórnia dos anos 60, Pynchon incide profundamente sobre o mito da América e, construindo o texto em torno da classe média do pós-guerra,

privilegia a vertente sociológica. Tudo envolto numa atmosfera conspirativa, labiríntica e alucinante, representativa da desordem então vivida, o escritor utiliza uma narrativa curta, disfarçada de policial (chega mesmo a evocar Perry Mason), com trama aparentemente simples e inocente embora salpicada de drogas, sexo, televisão, música, cinema e publicidade. Porém, a estrutura é complexa e profunda, tecida numa significativa e imbrincada rede de emaranhados circuitos de memória e identidade, obrigando o leitor a cogitar acerca de constantes problematizações, descobrir espaços de comunicação inesperados e a persistir num contínuo deambular na procura de sentido(s). Segundo Tony Tanner (2003 [1982]: 42), “*we move from a state of degree-zero mystery – just the quotidian mixture of an average Californian day – to a condition of increasing mystery and dubiety*”. Na verdade, à medida que penetramos na narrativa, vemo-nos imersos numa malha de trocadilhos, metáforas e alusões – “*Pynchon’s trademark*”, como afirma Grant (1994: xii) –, num labirinto de caminhos possíveis imersos num excesso de pistas e signos que nos obrigam a avanços e recuos interpretativos, na insistente procura de revelação. Sobre este emaranhado significativo, assevera Grant (1994: xiv): “*Lot 49 elicits complex and contradictory responses which can scarcely be satisfactorily accommodated by a single essay or a chapter of a book*”. Mais ainda, Pynchon joga com os nomes das personagens e dos lugares (é, aliás, pródigo em referências topológicas), manipula o significado simbólico das palavras, subverte ressonâncias míticas, parodia referências históricas e culturais, usa, enfim, um complexo circuito como estratégia narrativa que caricatura, esvazia e ilumina as sombras que envolvem as barreiras da sociedade americana.

Todo o enredo é desencadeado pelo testamento de Pierce Inverarity, um magnata californiano já falecido, que nomeia sua executante a ex-namorada e protagonista Oedipa Mass, uma dona-de-casa suburbana, cuja vida confortável e complacente decorre entre cozinha, supermercado e reuniões da *Tupperware*. A herança-a-haver estrutura o romance como uma viagem atribulada, obsessiva e circular pelo vasto e diversificado património de Inverarity – prédios, fábricas, várias áreas de comércio e até instituições –, o que faz de Oedipa uma eleita inesperada, uma *forty-niner* na corrida ao “ouro” californiano, e

desencadeia uma demanda que ela de seguida empreende na procura da herança prometida. Na verdade, perante uma profusão de sinais e símbolos, de significados literais e metafóricos, geram-se espaços de comunicação inéditos, conducentes a novas e fecundas áreas de reflexão que a irão ocupar. A missão conferida a Oedipa – “*the job of sorting it all out*” (Pynchon, 1996 [1965]: 5) – vai desalojá-la da sua existência monótona, das alienantes rotinas domésticas que a ocupavam, implodir o seu mundo interior claustrofóbico e, ultrapassando fronteiras, levá-la a uma viagem de confronto e superação, a uma peregrinação por um mundo outro, desconhecido e incerto, que contribuirá para a autodescoberta e a busca da sua identidade. Ao mesmo tempo, os espaços que percorre e as fronteiras que alcança trar-lhe-ão revelações sucessivas e surpreendentes, como avisa o narrador ao referir: “*As things developed, she was to have all manner of revelations (...) about what remained yet had somehow, before this, stayed away*” (Idem: 12).

Assim, guiada por um ímpeto até então desconhecido, ancorada na dupla função de *will* (testamento e vontade), Oedipa Maas deixa Kinneret, onde vivia, e inicia uma viagem pelo espaço americano, rumo a San Narciso, sem suspeitar de que se dirige a um novo mundo onde os seus intentos se defrontarão com uma inesperada realidade.

À chegada e ao primeiro olhar do cimo da encosta, há um momento de espanto pelo que a sua vista alcança sob a luz intensa do sol: a extensão das ruas – “*address numbers were in the 70 and then 80,000s*” (Idem: 15) –, dos muros, das construções, um “*sense of wonder*” pela paisagem que se lhe depara. Depois, há um efeito de estranheza e de mistério, prenúncio de revelação oculta algures na cidade: “*a hieroglyphic sense of concealed meaning, of an intent to communicate. (...) It seemed unnatural*” (Idem: 15). Por último, uma imagem de fechamento a que associa um circuito de transistor: “*The ordered swirl of houses and streets, from this high angle, sprang at her now with the same unexpected astonishing clarity as the [transistor radio] circuit card had*” (Idem: 14). Saberá mais tarde que tudo pertencia a Pierce Inverarity: o complexo militar e espacial de Yoyodyne, Fangoso Lagoons e a sua urbanização, os banhos turcos de Hogan’s Seraglio, os centros comerciais, a fábrica de cigarros, o teatro, a livra-

ria, o lar de reformados – “*what the hell didn’t he own?*” (Idem: 25). Ali desenvolvera os seus projectos imobiliários, comerciais e industriais, estabelecera o seu domínio administrativo, social e cultural, criara a principal fonte de emprego para os habitantes, tornara-se, enfim, o “*founding father*” (Idem: 16) do lugar. Por isso San Narciso era o desenho topográfico em cujas fronteiras se incluía ele próprio, uma parábola de poder do seu império capitalista, uma extensão do artifício e materialismo modernos, microcosmos de um mundo narcisista que se contém em si próprio num sistema egoísta de reflexo e enamoramento.

Investida da sua missão de descoberta, decidida a rasgar mais e mais barreiras que a constroem – “*to bring an end to her encapsulation*” (Idem: 29) – e, ainda, deslumbrada pelo fascínio irresistível do lugar, Oedipa penetra nos espaços da cidade, no enlevo das imagens, nas palavras e nos signos que a dizem, num confronto e desafio a novos conhecimentos e competências, à decodificação e assimilação do real. E se San Narciso era o reflexo de Pierce, Oedipa experimenta o mesmo efeito com os jogos de espelhos no hotel (Idem: 52) e com a associação a Eco através do reclame luminoso do motel Echo Courts:

(...) a nymph holding a white blossom towered thirty feet into the air; the sign, lit up despite the sun, said ‘Echo Courts’. The face of the nymph was much like Oedipa’s (...) She was smiling a lipsticked and public smile, not quite a hooker’s but nowhere near that of any nymph pining away with love either (Idem: 16).

Mas o mito da cidade depressa se esvazia: a artificialidade do espaço, o caos do labirinto urbano, a ilusão de liberdade nas auto-estradas e o circuito fechado de que se alimenta fazem de San Narciso uma falácia – “*a world of artifice in which nothing is gratuitous or natural, everything implicit with some intention or design*” (Bennett, 1985: 34) –, um espaço que se projecta e reproduz numa troca simbólica de realidades simuladas, sem espaço para gestos de sociabilização geradores de frutuosa relacionamentos, antes se tornando impeditivos de manifestações transversais ao contacto com o Outro. Ou seja, revela-se como exemplo da hiper realidade de que fala Baudrillard (1989

[1986]: 37), que nos permite entrar “na ficção da América, na América como ficção”⁶.

E as revelações sucedem-se e abrem-se à surpresa: primeiro, através duma colecção de selos a precisar de inventário, “*thousands of little coloured windows into deep vistas of space and time*” (Pynchon, 1996 [1965]: 29); depois, pela descoberta ocasional do acrónimo W.A.S.T.E., que leva à suspeita da existência de Tristero, uma misteriosa rede postal com um sistema secreto de comunicação, herdeira da Renascença Europeia e do monopólio dos correios *Thurn und Taxis*. Reorienta-se, assim, a missão de Oedipa, pois o seu destino manifesto era agora o de encontrar as implicações de tal sistema no património de Inverarity, pelo que inicia uma demanda por terras da Califórnia, a oeste, na esperança de encontrar a verdade do testamento: “*So began for Oedipa the languid, sinister blooming of the Tristero (...) before the Tristero could be revealed in its terrible nakedness*” (Idem: 36).

Isso leva-a a uma travessia pelo espaço americano que a obrigará a investigar acontecimentos passados que, por sua vez, revisitam a fundação e a história da América: Puritanismo, Guerra Civil, colonização, industrialização, 2.ª Guerra Mundial, Guerra Fria, capitalismo, consumismo. E em pano de fundo estão os Puritanos: pelo zelo na palavra, “*utterly devoted (...) to the Word*” (Idem: 107), pela retórica de eleição que engendraram, “[t]heir central hangup had to do with predestination” (Idem: 107), pela construção do mito da Terra Prometida (Bercovitch, 1993: 6), pelo desenvolvimento do capitalismo e seus constrangimentos⁷.

A ambiguidade com que Oedipa se depara surpreende-a, o relativo e o efémero perturbam-na perante os desígnios assertivos do real e do discurso dominante que interiorizara. Por isso questiona o seu conhecimento e o seu mundo para os decifrar. Por isso, também, as interpretações sucedem-se, o labirinto alarga-se, o desnorte intensifica-se:

Either way, they'll call it paranoia (...) Or you are hallucinating it. Or a plot has been mounted against you (...) so labyrinthine that it must have meaning beyond just a practical joke. Or you are fantasizing some such plot, in which case you are a nut, Oedipa, out of your skull (Pynchon, 1996 [1965]: 117, 118).

Entretanto, a presença de Tristero, representado por uma trombeta de correios, descobre-se, omnipresente, em San Narciso, em lugares imprevisíveis: num bar, numa peça de teatro, num desenho, numa tatuagem, num anel, em selos de correio – no bar *The Scope*, na peça *The Courier's Tragedy*, na empresa Yoyodyne, no lar de idosos Vesperhaven House. Mas, rasgando outras fronteiras, também em San Francisco, onde à noite, nas suas deambulações, vê a cidade saturada de indícios de Tristero: no bar *The Greek Way*, em Chinatown, num coro de crianças, num antigo jornal anarco-sindicalista, num banco de autocarro exibindo o acrónimo DEATH (Don't Ever Antagonize The Horn): “*Here in San Francisco, away from all tangible assets of that estate, there might still be a chance of getting the whole thing to go away and desintegrate quietly*” (Idem: 75). Gradualmente, Oedipa estabelece um nexo de ligações, pois Tristero é tão só uma força alternativa ao poder estabelecido. Daí que as deambulações de Oedipa adquiram os contornos de demanda, na esperança de descoberta e revelação. Com efeito, ela esperava que ali se fizesse luz sobre a verdadeira essência do testamento: “*Each clue that comes is supposed to have its own clarity, its fine chances for permanence*” (Idem: 81).

Na odisseia ao centro da verdade, Oedipa desemboca nas margens do possível, no tecido social. Depois de percorrer cidades, deambular a pé ou em transportes públicos, chega ao entendimento das coisas: havia a terra dos eleitos, mas havia uma outra, a dos deserdados: “*members of the thirth sex*” (Idem: 76), “*automated out of work*” (Idem: 78), “[a] whole underworld of suicides who had failed” (Idem: 80), “*Negroes going on to graveyard shifts*” (Idem: 84), “*a society of isolates*” (Idem: 80) ou, traduzindo em números, “[o]nes and zeros” (Idem: 126), todos unidos num mundo dissidente e omissos: “*Since they could not have withdrawn into a vacuum (could they?), there had to exist the separate, silent, unsuspected world*” (Idem: 86); todos ligados secretamente pela mesma condição de rejeitados: “*All keeping in touch through that secret delivery system*” (Idem: 80); todos herdeiros de uma organização oriunda da Europa de combate à desigualdade, à segregação e à alienação; todos resistentes silenciosos à sociedade que os rejeita e os oprime. Havia a expectativa da *city upon a Hill*, é certo, mas também a realidade

duma *Waste Land* que nega a promessa nacional e apenas oferece o vazio⁸: W.A.S.T.E. (116), DEATH (84), “*NADA. Just this creaking metal sign that said nada, nada, against the sky*” (*Idem*: 100).

Na sua demanda, Oedipa tenta fazer sentido do acaso que lhe surge e dos fragmentos que recolhe no mundo em seu redor: “*That’s what would come to haunt her most, perhaps: the way it fitted, logically, together*” (*Idem*: 29). Compilados os fragmentos e conjugados os raciocínios, ela ordena a constelação da sua busca: “*Every access route to the Tristero could be traced also back to the Ineverarity estate (...) all of them were Pierce Ineverarity’s men*” (*Idem*: 117). E se San Narciso se prolonga noutras cidades, como em San Francisco, então Tristero povoaria toda a América, envolto em sombras, mas pronto a descobrir-se por um olhar mais atento: “*If only she’d looked*” (*Idem*: 124)⁹.

E Oedipa, ao contrário de Édipo, o rei grego que cegara, olhou o lote de selos que tão bem conhecia e neles viu espelhadas as diferenças escondidas que contrariam o discurso histórico e oficial:

uncontrolled fright (...) Venus’s-flytrap, belladonna, poison sumac and a few other [flowers] (...) a disturbing angle unknown among the living (...), menacing smile on the face of the Statue of Liberty (...) the unmistakable silhouette of a horse and rider (...) the sinister 8c airmail (*Idem*: 120-21).

A viagem que Oedipa realizou e a demanda que empreendeu constituíram aprendizagem e descoberta de si própria e da América codificada que encontrou. No seu campo de pesquisa ultrapassou limiares, atingiu limites e recolheu conclusões surpreendentes que dilataram o seu mundo. Percebeu, por isso, que San Narciso deixara de ser única (como prova San Francisco), era apenas um nome, uma extensão, um espaço sem fronteiras, perdido no vasto manto americano. Há semanas a ordenar um legado, Oedipa não suspeitara de que a herança era a América, a América de Ineverarity (ou Ineveracity?). E pergunta: “*What was left to inherit? That America coded in Ineverarity’s testament, whose was that?*” (*Idem*: 124). Ou, na enumeração de Tony Tanner (2003 [1982]: 44, “[T]ransients, squatters, drifters, exiles within the system, people

existing in the invisible interstices of oficial society”. Este era, afinal, o lugar a que chegara o mito americano da Terra Prometida:

All the Tristero refugees from the 1849 reaction arrive in America (...) full of hopes. Only what do they find? (...) Trouble’.

(...) Other immigrants come to America looking for freedom from tyranny, acceptance by the culture, assimilation into it, this melting pot. (...) Disguised as Indians their messengers mosey westward (...) Their entire emphasis now toward silence, impersonation, opposition masquerading as allegiance (Pynchon, 1996 [1965]: 119, 120).

Assim, Pynchon retoma o passado e transporta-o ao presente para um confronto entre o que foi, o que poderia ser e o que é, atitude defendida, aliás, por Umberto Eco (2001 [1984]: 12), para “não só compreender o que foi efectivamente dito mas o que se poderia ter dito, ou pelo menos o que hoje pode dizer-se (talvez apenas hoje) relendo o que então se disse”.

Envoltos por uma moldura histórica e ficcional, real e imaginada, palavras e símbolos confrontam-se com o passado e o presente através de um diálogo com a América dos preteridos e marginalizados, que se movem no secretismo, no silêncio e na máscara. E assim se esvazia a retórica puritana de eleição, o mito da utopia bíblica, da Terra Prometida, i.e., da América pródiga como Canaã e impoluta como Jerusalém, de lugar de fortuna e abundância, do sonho realizável, “*Land of lands*”, como lhe chama Walt Whitman (1988 [1885]: 266). Atravessa-se o espaço americano para dilatação de fronteiras, rumo ao oeste, ao mesmo tempo que, num processo de mutabilidade, se iluminam as contradições dissimuladas e se exhibe um espaço de luz e sombra, de eleitos e deserdados: “*The Crying of Lot 49 mourns the contradiction of America from a land of diversity to one of binary choice*” (Stimpson, 1976: 31). Na sofisticação narrativa a que recorre, Pynchon mistura realidade histórica e ficção, lançando pistas que conduzem à disrupção e desconstrução do mundo de superfície. Num tempo de desenvolvimento científico e tecnológico, de progresso económico e financeiro, mas também de decadência moral e fragmentação social, confrontam-se os sis-

temas oficial e marginal, subverte-se a imagem utópica tecida pelo discurso dominante e estabelecem-se fronteiras entre a América real e a América imaginada.

Oedipa, que figura na primeira linha do romance, surge também na última, agora solitária, liberta de muros. O leiloeiro prepara-se para a anunciação e Oedipa aguarda em silêncio o leilão dos selos do lote 49:

Passerine spread his arms in a gesture that seemed to belong to the priesthood of some remote culture; perhaps to a descending angel. The auctioneer cleared his throat. Oedipa settled back, to await the crying of lot 49 (Idem: 127).

Contudo, ao fim de 49 dias de demanda, suspende-se o tempo e cristaliza-se a figura esfíngica de Oedipa Mass que, no seu solipsismo, se mantém na expectativa da herança, na fronteira da derradeira revelação – antes prometida e continuamente a-haver.

Por isso se pergunta:

*Where can it
be –
This land of
Eldorado?*

NOTAS

¹ Conhecida expressão de John Winthrop proferida durante o seu sermão a bordo do *Arbella*, em Março de 1630, dirigido aos puritanos que iriam fundar a colónia de Massachusetts: “*For we must consider that we shall be as a city upon a hill. The eyes of all people are upon us*” Cf. McIntire e Burns (2009: 142-43).

² Para informação mais detalhada sobre o radicalismo agrário desse tempo, ver Coy Cross (1995).

³ Mencione-se, a propósito, o filme *Cosmopolis* (2012), do realizador David Cronenberg, uma adaptação ao cinema do romance de Don DeLillo, onde o actor Robert Pattinson desempenha o papel de Eric Packer.

⁴ Para além de indício do que irá desenrolar-se na trama, sente-se uma certa ironia no uso do termo “*haircut*” pois, na gíria financeira, significa redução de valor atribuído a um bem.

⁵ Este romance mereceu já duas adaptações ao cinema: em 1974, filme realizado por Jack Clayton, com Robert Redford no papel de Jay Gatsby e Mia Farrow no de Daisy Buchanan. Em 2013, com o realizador Baz Luhrmann, surgiram no grande ecrã Leonardo diCaprio como Jay Gatsby e Carey Mulligan como Daisy.

⁶ San Narciso é uma cidade ficcionada, i.e., inventada antes de surgir no território do romance (Couturier, 1987: 15).

⁷ Cf. Max Weber (1983 [1905]), em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

⁸ Alude-se aqui metaforicamente ao poema longo de T. S. Eliot, *The Waste Land*, que, nas suas cinco secções, aborda a realidade traumática, devastada e inane do pós-1.ª Grande Guerra.

⁹ Já no séc. XIX Emily Dickinson (2016 [1890]) questionava: “*what is – ‘Paradise’*” (P 215: 99) e avisava: “*Faith is a fine invention / When Gentleman can see – But Microscopes are prudent / in an emergency*” (P 185: 87).

BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, Jean (1989 [1986]), *América*, (trad. port. de *Amérique*, por Tereza Coelho, ed. original em 1986), S/l: João Azevedo Editor.

BENNETT, David (1985), “Parody, Postmodernism, and the Politics of Reading”, in *Critical Quarterly*, 27 (4), pp. 108-116.

BERCOVITCH, Sacvan (1993), *The Rites of Assent*, New York and London: Routledge.

COUTURIER, Maurice (1987), “The Death of the Real in The Crying of Lot 49”, in *Pynchon Notes*, 20-21, pp. 5-29.

CROSS, Coy F. (1995), *Go West Young Man! Horace Greeley’s Vision for America*, Albuquerque, NM: University of New Mexico Press.

DELILLO, Don (2004 [2003]), *Cosmopolis*, New York: Scribner.

DICKINSON, Emily (2016 [1890]), *Emily Dickinson’s Poems: As She Preserved Them*, Ed. Cristanne Miller, Cambridge Ma: Harvard UP.

ECO, Umberto (2001 [1984]), *Semiótica e Filosofia da Linguagem* (trad. port. de *Semiotica e Filosofia del Linguaggio*, de Maria de Bragança, ed. original em 1984), Lisboa: Instituto Piaget.

ELIOT, T. S. (1998 [1922]), *The Waste Land and Other Poems*, New York: Penguin.

EMERSON, Ralph Waldo (1982 [1841]), “Self-Reliance”, in *Selected Essays*, New York and London: Penguin Books, pp. 175-204.

FAULKNER, William (1991), *The Unvanquished*, New York: Vintage International, Vintage Books.

FITZGERALD, F. Scott (2004 [1925]), *The Great Gatsby*, New York: Scribner.

GRANT, Kerry (1994), *A Companion to “The Crying of Lot 49”*, Athens and London: The University of Georgia Press.

GROSECLOSE, Barbara S. (1975), *Emanuel Leutze, 1816-1868: Freedom Is the Only King*, Washington D.C.: National Collection of Fine Arts.

KEROUAC, Jack (1999 [1957]), *On the Road*, Harmondsworth: Penguin Books.

LEHAN, Richard (1998), *The City in Literature: An Intellectual and Cultural History*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

MCINTIRE, Suzanne; BURNS, William E. (2009), “John Winthrop: We Shall Be as a City upon a Hill”, in *Speeches in World History*, New York: Facts and File, pp. 142-143.

POE, Edgar Allan (2008 [1838]), "Eldorado", in *The Complete Poems of Edgar Allan Poe*, New York: New American Library, pp. 110.

PYNCHON, Thomas (1996 [1965]), *The Crying of Lot 49*, London: Vintage.

SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa (1987), "Lugares de Sentido na Literatura Americana", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 22, pp. 159-174.

STIMPSON, Catharine (1976), "Pre-Apocalyptic Atavism: Thomas Pynchon's Early Fiction", in George Levine & David Leverenz (ed.), *Essays on Thomas Pynchon*, Boston and Toronto: Little, Brown and Co., pp. 31-47.

TANNER, Tony (2003 [1982]), "Thomas Pynchon on the Function of Entropy", in Harold Bloom (ed.), *Thomas Pynchon*, Philadelphia: Chelsea House Publications, pp. 41-46.

TENNYSON, Lord Alfred (2007 [1842]), *Selected Poems*, London and New York: Penguin Books.

TURNER, Frederick Jackson (2014 [1893]), *The Significance of the Frontier in American History*, Eastford, CT: Martino Fine Books.

TWAIN, Mark (1994 [1884]), *The Adventures of Huckleberry Finn*, Mineola, N.Y.: Dover Publications.

WEBER, Max (1983 [1905]), *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, (trad. port. de *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*, de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, ed. original em 1905), Lisboa: Editorial Presença.

WHITMAN, Walt (1998 [1885]), *Leaves of Grass*, Oxford & New York: OUP.

WILLIAMS, Robert C. (2006), *Horace Greeley: Champion of American Freedom*, New York and London: New York University Press.